

NOTAS DE VERÃO



Francisco Silva
Secretário-Geral da CONFAGRI

1. AGROSEMANA – Está na reta final a preparação de mais uma edição da Feira Agrícola do Norte.

Esta Feira tem a particularidade de, entre algumas Feiras que se realizam no Norte do País, a promoção do evento ser da responsabilidade de uma Organização Agrícola – AGROS, estrutura de referência na região Norte e no País e que dispõe de um moderno espaço para a realização de grandes eventos.

Pelo que já é possível conhecer do Programa, a Agrosetmana 2017, em crescendo em relação às edições anteriores, terá um grande impacto regional junto do sector agrícola e cada vez mais será uma referência no País.

2. PAC PÓS 2020 – Este período de Verão é uma boa oportunidade para se aprofundar a reflexão sobre um novo desafio que se aproxima para a agricultura portuguesa.

Alguns seminários, colóquios e debates devem ser bem aproveitados pelos interessados para se poder começar a consolidar a “ideia nacional” que deve ser vinculada nas futuras negociações.

As vulnerabilidades da atual PAC devem ser atacadas, não para acentuar desigualdades entre beneficiários, mas sim para racionalizar as futuras disponibilidades financeiras numa lógica de chegar a todos os territórios e privilegiar a produção.

3. INCÊNDIOS – A praga que nos persegue e nos destrói como espaço territorial historicamente preservado há centenas de anos.

Todos os anos, por esta altura, o fenómeno repete-se face à impotência existente para minorar drasticamente o mesmo.

Este ano com a gravíssima tragédia de vidas humanas associada, o fenómeno dos incêndios tem proporcionado dezenas de debates televisivos, conferências e entrevistas das mais diversas personalidades. Teorias não nos faltam.

Os Governos mudam, os Ministros também, mas os incêndios continuam ano após ano. O País tem que estancar o fenómeno. A Política Florestal tem de ter um rumo e ser o mais consensual possível.

A Floresta existe, vai continuar a existir e têm de ser encontradas soluções para combater as origens do fenómeno dos incêndios, cada vez mais diversas e difíceis de contornar, a que acresce a circunstância do abandono da agricultura familiar em muitas zonas do território, a diminuição drástica dos rebanhos, especialmente de caprinos e a exagerada conflitualidade legislativa que elege o eucalipto como a “espécie do mal”, quando o que está efetivamente em causa é uma gestão racional e responsável da Floresta Portuguesa e a inexistência de disponibilidades financeiras adequadas.

Haja determinação, responsabilidade e bom senso. ●